

«CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS FARÁ LIVRES» (Jo 8,32)

Uma história que continua

Saudação de Davide Proserpi*

Introdução

de Fabio Colombo

«“Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres” (Jo 8,32) - Uma história que [como podem ver olhando para a direita ou para a esquerda] continua»,¹ ainda no ano da Graça de 2023. Antes de mais, uma caríssima saudação de boas-vindas a cada um de vocês! Há alguém que está a chegar agora, demos-lhe as boas-vindas. Outros estão ligados – imaginem – no autocarro, porque ficaram presos no trânsito e por isso preparou-se um *streaming* em direto, uma saudação cordial também para eles que, se calhar, tinham pensado num início de tríduo um pouco diferente e em vez disso estão ali, no autocarro, porém estão a ouvir-nos e conseguiram acompanhar a saudação do Davide. Então, estou aqui com o Davide em cima do “poleiro” por razões evidentes, mas, na verdade, tenho no coração um desejo impetuoso de descer para o meio de vocês para vos cumprimentar um a um, e para perguntar qual é o teu nome, se tens irmãos ou irmãs, o que estudas, que instrumento tocas, que desporto praticas, ou como é que correu a escola na semana passada, como é que está a correr o primeiro ano do secundário e se já vislumbras algumas possibilidades para a escolha da universidade, em suma, para te/vos conhecer pessoalmente! Por isso, também em nome do Davide, do Francesco e do Seve, renovo uma saudação de boas-vindas e abraço-vos pessoalmente nesta introdução ao gesto do Tríduo que vamos começar a viver juntos; não nos conhecemos, porém, precede-nos uma história comum e através desta história Alguém nos con-vocou!² Cada um de nós esperou com ansiedade participar neste Tríduo, esperámos tanto por vocês que até pensámos em receber-vos pedindo a alguns para tocar ao vivo durante a vossa entrada no salão! Como uma serenata apaixonada, um trecho musical tocado para ti, como um canto dedicado a cada um pessoalmente, parte deste povo ao qual pertencemos! É surpreendente ver-vos aqui, de toda a Itália, um belo povo, o Seu povo no mundo, e, certamente, não *do mundo*³! »

* [Saudação de Davide Proserpi ao Tríduo Pascal da Gioventù Studentesca na quinta-feira Santa \(6 de abril de 2023\).](#)

¹ Cf. «A verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte» (Concílio Vaticano II, Declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis Humanae*, 7 de dezembro de 1965).

² «Outrora não éreis um povo, mas sois agora povo de Deus» (1Pe 2,10).

³ «A mundanidade é uma cultura; é uma cultura do efêmero, uma cultura da aparência, da maquilhagem, uma cultura “do hoje sim e amanhã não, amanhã sim e hoje não”. Tem valores superficiais. Uma cultura que não conhece fidelidade, porque muda conforme as circunstâncias, negocia tudo. É esta a cultura mundana, a cultura da mundanidade. E Jesus insiste em defender-nos disto e reza para que o Pai nos defenda desta cultura da mundanidade. É uma cultura do usa e deita fora, conforme for conveniente. É uma cultura sem fidelidade, não tem raízes. Mas é um modo de vida, um modo de vida até de muitos que se dizem cristãos. São cristãos, mas são mundanos. Jesus, na parábola da semente que cai na terra, diz que as preocupações do mundo – ou seja, de mundanidade – sufocam a Palavra de Deus, não a deixam crescer (cfr. Lc 8,7). E Paulo diz aos Gálatas: “Vós éreis escravos do mundo, da mundanidade” (cfr. Gal 4,3). A mim impressiona-me sempre ler as últimas

» Toda a expectativa que há no vosso coração, todas as perguntas que foram despertadas na vossa razão nestes meses de vida, que abriram caminho em vocês como exigência inextirpável de compreensão do significado da vida – agradeço-vos desde já pelos vossos contributos, muito numerosos e muito profundos – mas sobretudo *a fortiori* o desejo de embaterem na resposta – que, aos poucos, como um alvorecer, se tornará cada vez mais claro, até resplandecente como o sol ao meio-dia ou no verão – tudo isto foi o que vos fez pré-sentir, intuir uma possibilidade, uma promessa de bem, vos fez decidir pela vossa existência⁴, vos fez decidir levarem-se a sério, não fazerem batota, serem leais com vocês próprios, e acolherem o convite, inscreverem-se, subirem para o autocarro, enfrentarem a viagem, investirem dinheiro, tempo e energias para estarem aqui, agora. Ou então, talvez tenha sido apenas o desejo secreto de estar fora de casa alguns dias com os amigos, mas olhem que o bom Deus está sempre em ação! Alguém, um tanto triste, dizia-me «padre Fabio, eu convidei amigos, mas eles preferiam um churrasco e por isso este ano não ganhei», isto traz alguma dor ao nosso coração. Por isso, este simples convite, este manifesto do Tríduo, recebido através dum amigo ou dum adulto mais velho, é o início ou a continuação de uma *história que continua*, de uma história que – como uma grande oliveira multiseular (como aquelas da Terra Santa que estão no Getsémani desde que Jesus se recolhia ali a rezar com os Seus amigos) – enterra as suas raízes até há mais de 2023 anos e da qual tu, que aceitaste este simples convite, és como o último raminho, o último rebento, o último fruto, talvez (naturalmente!) ainda um pouco imaturo, mas com todo o desejo de alcançar a tua maturidade, a verdade da tua nobreza humana! Esta história teve início com os dois primeiros, com João e André – antes ainda com o “eis-me aqui!” da Virgem Maria – e atravessou e ardeu durante dois mil anos, chegando até aos teus bisavós, depois avós, até aos teus pais, e aos adultos da *Gioventù Studentesca*, e agora até ti. Para mim, o reconhecimento de fazer parte de uma história maior do que o tempo e espalhada no tempo deu-se na montanha, em Siusi, com a comunidade da *GS* de Varese: eu nunca tinha frequentado a *GS* (antes, só o grupo dos Escoteiros), mas naquele ano, entre o 9º e o 10º anos, formulei algumas perguntas que se perfilavam no horizonte [o que tem Jesus a ver com a minha vida? Tem a ver com a minha namorada? Tem a ver com a minha vida só porque tenho de carimbar o cartãozinho ao domingo? Ou há *mais*? O que tem esta Verdade a ver com o meu estudo, o que tem esta verdade a ver com os meus amigos? O que tem a ver com o futebol, com o divertimento, com a namorada?], aceitei o convite de alguns rapazes e raparigas que conheci de ir com eles para a montanha. Nessa época, frequentava a Paróquia e jogava futebol, por isso estava habituado a estar com os sacerdotes e estimava-os pela forma como ofereciam gratuitamente a sua vida, admirava-os mesmo... mas, em suma, ali na montanha encontrei um padre um tanto ou quanto especial, com um gosto pela vida e uma profundidade de olhar que dificilmente encontramos, chamava-se padre Fabio Baroncini e impressionou-me pela forma como sabia dar as razões da Esperança de que vivia, da sua certeza granítica, um pouco rude e ao mesmo tempo muito atenta e discreta: eu não sabia minimamente que em torno dele havia uma estima difundida, não sabia bem quem era, que era um dos grandes amigos de *don* Giussani; em suma, para resumir, o padre Fabio amava a montanha e eu também, por isso, durante um passeio, ele tinha reparado no meu passo »

páginas do livro do padre de Lubac: “As meditações sobre a Igreja” (cfr. Henri de Lubac, *Meditazioni sulla Chiesa*, Milão 1955), as últimas três páginas, onde fala precisamente da mundanidade espiritual. E diz que é o pior dos males que pode acontecer à Igreja, e não exagera, porque depois refere alguns males que são terríveis, e este é o pior: a mundanidade espiritual. Peçamos ao Espírito Santo nestes últimos dias, também na novena do Espírito Santo, nos últimos dias do tempo pascal, a graça de discernir o que é a mundanidade e o que é o Evangelho, e não nos deixarmos enganar, porque o mundo odeia-nos, o mundo odiou Jesus e Jesus rezou para que o Pai nos defendesse do espírito do mundo» (Francisco, *Homilia (Santa Marta)*, 16 de maio de 2020).

⁴ A existência representa, antes de mais, uma decisão sobre o que se deve reconhecer como nosso fundamento: e essa decisão é um assunto que se nos apresenta continuamente. Trata-se de encontrar o *unum necessarium*, a única coisa necessária, quer dizer, aquilo que reconhecemos como significado de nós mesmos e, por conseguinte, como fundamento de tudo o que fazemos», L. Giussani, *Decisão para a existência*, Diel, Lisboa 2005, p. 9; e em L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, p. 113.

» desenvolto e audacioso a subir e a descer os montes, na forma como ajudava e socorria as raparigas cansadas da subida, carregando as suas mochilas como um “nobre cavaleiro”... e enquanto todos, no regresso, tinham ido pela estrada normal, com grandes descidas e amplos caminhos, o padre Fabio, com outros dois adultos, convidou-me a percorrer outro caminho, com grandes escarpas, com vistas duma beleza surpreendente e troços bastante complicados! Entretanto, enquanto caminhávamos, falámos da escola, do décimo ano, que ia começar em breve, da escolha da universidade, mas não em abstrato, antes me sugeriu estudar tudo, aprofundar cada matéria com grande atenção e profundidade (dado que, ainda assim, é preciso preparar todas para o exame de admissão), assim iria surgir aquilo que preferia conhecer e aprofundar nos anos seguintes, como que a dizer: tu come de tudo e aprecia cada sabor, e assim irás dar-te conta, concretamente, do que agrada mais ao teu palato! Quando, no final daqueles dias, enviámos um postal para casa, o padre Fabio quis assiná-lo e tinha escrito (porque, entretanto, tinha percebido quem eram a minha mãe e o meu pai): «uma história que continua». Naquela ocasião, tive pela primeira vez a intuição duma história de bem gratuito que me precedia, de uma história que, primeiro, tinha chegado a *don Gius*, depois ao padre Fabio, depois tinha alcançado os meus pais, chegando até mim, e da qual eu desejava começar a fazer parte, descobrindo-a eu, jogando eu na primeira pessoa o meu jogo... que iria depois prosseguir no encontro com a comunidade do CLU da Statale, depois com o padre Giorgio, o padre Pino e tantos outros, até à entrada no Seminário em Venegono!

Pois bem, não nos conhecemos pessoalmente, mas fazemos parte duma história, fazemos parte dum Corpo, dum Povo que caminha na história, somos já membros uns dos outros, somos inscindivelmente membros dum mesmo corpo. Mas este Corpo, o que tem de diferente? Que coisa de diferente tem este povo, e o que o anima? O que tem de tão especial? De tão único? Nós seríamos apenas a soma das nossas fraquezas e da nossa vontade ou capacidade, seríamos como os discípulos um pouco assustados do Cenáculo de há dois mil anos, depois de Jesus ter ascendido ao Céu, se não fosse o Espírito Santo, Pneuma, Sopro vital: seríamos apenas como pneus esvaziados, se não fosse Ele a “encher-nos”, a “soprar-nos” a Vida divina. Com efeito, *don Gius* educou-nos a repetir incansavelmente a jaculatória *Veni Sancte Spiritus, Veni per Mariam*. E na oração eucarística, durante a Santa Missa, rezamos: «O Espírito Santo nos reúna num só corpo». Por isso, agora, levantamo-nos sem fazer barulho e cantamos, rezando humildemente o *Descei, Espírito Santo*: «O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em Meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas e vos relembrará tudo aquilo que Eu vos disse».⁵ »

⁵ Cfr. «Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para ele cumprir na terra (cfr. Jo 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cfr. Ef 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cfr. Jo 4,14; 7,38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cfr. Rm 8,10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cfr. 1 Cor 3,16; 6,19) e dentro deles ora e dá testemunho da adopção de filhos (cfr. Gal 4,6; Rm 8,15-16 e 26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cfr. Jo 16,13), e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef 4,11-12; 1 Cor 12,4; Gal 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: «Vem!» (cfr. Ap 22,17). Assim a Igreja toda aparece como «um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 21 de novembro de 1964, n. 4). «Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objetivo: continuar, sob a direcção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade (2), para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido» (Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 7 de dezembro de 1965, n. 3). «Eis que quanto se tinha prenunciado no antigo Templo é realizado pelo poder do Espírito Santo na Igreja: a Igreja é a “casa de Deus”, o lugar da Sua Presença, onde podemos encontrar o Senhor; a Igreja é o Templo onde habita o Espírito Santo que a anima, orienta e sustém. Se nos perguntarmos: onde podemos encontrar Deus? Onde podemos entrar em comunhão com Ele, através de Cristo? Onde podemos encontrar a luz do Espírito Santo que ilumina a nossa vida? A resposta é: no Povo de Deus, no meio de nós, que somos Igreja. É aqui que encontraremos Jesus, o Espírito Santo e o Pai» (Francisco, *Audiência*, 26 de junho de 2013).

» Por que razão rezámos cantando o *Descei, Espírito Santo*? Porque a nossa condição humana é bem descrita por um amigo: «Porém, apesar destes factos que me diziam para abandonar a minha posição e tentar abrir-me, abraçar o caminho e recomeçar, era-me impossível renegar esta minha posição, era verdadeiramente como esbarrar num limite estrutural meu, devido ao qual eu não cedía nem um milímetro». ⁶ Há em nós como que uma estranha resistência, uma soberba orgulhosa, difícil de ceder, ou uma fraqueza, uma sombra de ceticismo, de desapego de nós mesmos e vaidade: a Igreja ensina-nos a chamar-lhe concupiscência ⁷! Porquê? Paulo de Tarso, judeu de nascimento e cidadão romano, primeiro perseguidor daquela seita cristã que se estava a espalhar e depois Sua maior e indómita testemunha, descrevia-se assim a si mesmo, e, com ele, a cada um de nós: «Eu sei que em mim [...] querer o bem encontra-se ao meu alcance, mas fazê-lo não. Porque eu não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero. [...] Eu encontro, pois, esta lei em mim: quando quero fazer o bem, o mal está junto de mim. [...] Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?». ⁸

A esta constatação sobre a nossa situação “interna” acrescentam-se depois algumas considerações que vamos buscar à realidade externa, ao ar que sopra, à mentalidade que respiramos, aos factos recentes. Outro amigo escreve, com efeito, no seu contributo: «Um destes dias vi o telejornal: Turquia, mais de 43 mil mortos, mortos inocentes, crianças acabadas de nascer, sem nenhuma culpa, sob os escombros dos edifícios. Olho para um ano atrás e penso no objetivo da guerra, nos jovens da minha idade obrigados a combater ou a fugir, olho para 2020 e penso no Covid, olho para conhecidos e amigos meus a lutar contra doenças graves, mortais, e não é culpa nt. [...] Às vezes estes pensamentos instigam-me a tornar a minha vida grande, outras vezes a pensar que tudo é um acaso e a largar os remos». ⁹ Uma amiga, por sua vez, durante o *Raggio*, dizia: «Somos números e não pessoas, somos fantoches num sistema fora de nós, não só na escola, como na vida. Inculcam-nos o sistema desde pequenos, tu vales pelas notas que tens e a tua mãe só te pede isso. Todo o sistema te avalia pelo trabalho que o teu pai faz, pelo dinheiro que tens, pelos *like* que tens no Insta. Na assembleia, os representantes não propunham nada para a escola, mas sim para se evidenciarem e terem poder. Estamos contra nós, estamos uns contra os outros. O que é que nos salva?». Pois bem, este olhar sobre a nossa fraqueza, sobre esta força que parece puxar tudo para baixo, sobre as condições “internas e externas” da vida pode como que ter-nos atirado para a sombra da desilusão... Em 1830, desenhava-se, porém, no coração e na razão de Giacomo Leopardi, esta poesia que desperta a pergunta que é também a pergunta de cada um de nós: «Que fazes tu no céu, ó lua, diz-me o que fazes, / Silenciosa lua? / Ergues-te à noite e caminhas, / Contemplando os desertos; em seguida repousas. / Não estás cansada ainda / De percorrer os mesmos eternos caminhos? [...] E quando as estrelas vejo arder no céu, / Digo entre mim, pensando: / Para quê tantas luzes? / O que faz o espaço infinito e o profundo Céu sereno? »

⁶ Cfr. «Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo actual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. Porque no íntimo do próprio homem muitos elementos se combatem. Enquanto, por uma parte, ele se experimenta, como criatura que é, multiplamente limitado, por outra sente-se ilimitado nos seus desejos, e chamado a uma vida superior. Atraído por muitas solicitações, vê-se obrigado a escolher entre elas e a renunciar a algumas. Mais ainda, fraco e pecador, faz muitas vezes aquilo que não quer e não realiza o que desejaria» (Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, 7 de dezembro de 1965, n. 10).

⁷ «Como consequência do pecado original, a natureza humana ficou enfraquecida nas suas forças e sujeita à ignorância, ao sofrimento e ao domínio da morte, e inclinada para o pecado – inclinação que se chama “concupiscência”» (Catecismo da Igreja Católica, n. 418).

⁸ Rm 7,18-19.21.24.

⁹ Cfr. «Todavia, perante a evolução actual do mundo, cada dia são mais numerosos os que põem ou sentem com nova acuidade as questões fundamentais: Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal, e da morte, que, apesar do enorme progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar à sociedade, e que coisas pode dela receber?» (Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, n. 10).

» Que significa esta / Solidão imensa? E eu que sou?».¹⁰ Voltando mais uma vez a propor o mesmo drama no seu *Sobre o retrato de uma bela dama*: «Natureza humana, como podes, / Tu, que és baixa e frágil, / Que és sombra e pó, sonhar tão alto?».¹¹ Mas por que é que desejamos assim tanto e somos assim tão frágeis?

Pois bem, passaram quatro anos sobre o último Tríduo presencial aqui em Rimini, foram anos em que cada um, de forma mais ou menos direta, foi muito – muito! – marcado por alguns acontecimentos, foram anos em que as nossas vidas foram tocadas por imensos factos a nível pessoal ou a nível social, muito simplesmente, por exemplo, no que respeita à pandemia, uma pessoa desejava ver os amigos e não podia, desejava fazer umas férias e tinha de as fazer nos limites das chamadas “bolhas”, teria preferido estar a estudar com os colegas de escola e a única forma era o *Wapp*, o *Meet* o *Zoom*... Estes últimos anos – que coincidem precisamente com aqueles em que o eu começa a largar as amarras, a zarpar do porto e a aventurar-se na vastidão do mar da existência, a colocar-se as questões mais profundas, a investigar a realidade – vimo-nos lá dentro, arrastados por páginas de história que certamente despertaram em nós muitas perguntas que – se as deixarem cair – poderiam até degenerar em dúvida, até se tornarem objeção ou incerteza sistemática sobre a positividade da realidade, sobre a bondade de Deus e do destino bom que já nos acompanha e nos espera: «Mas não é tudo em vão? Mas que vida afinal é esta??». As muitas perguntas sobre a doença e sobre o sofrimento da vida, sobre as reais capacidades “salvíficas” da medicina e da ciência, sobre o verdadeiro objetivo da arte do governo da *res publica*, pouco a pouco – como o pó que insensivelmente se deposita sobre os móveis – podem ter coberto o nosso coração e a nossa razão com uma espécie dum véu triste de resignação, de preguiça, de apatia.

Don Giussani, precisamente aqui em Rimini, em 1985, numa intervenção histórica no Meeting, citava Paul Teilhard de Chardin (um jesuíta, filósofo e paleontólogo francês) dizendo que «O maior perigo que a humanidade pode temer não é uma catástrofe que venha de fora, não é a fome, nem a peste; é, isso sim, aquela doença espiritual, a mais terrível porque o mais diretamente humano dos flagelos, que é a perda do gosto de viver!».¹²

Com efeito, depois de termos vivido metade do tempo de escola deitados entre a cama de casa (com uma camisa por cima e pijama por baixo) e a outra metade entre os bancos da escola, depois de dois anos de pandemia, com a guerra na Ucrânia que parece não acabar e que produz consequências económicas à escala mundial e muitas outras guerras espalhadas pelo mundo que apenas têm menos eco,¹³ no meio das nossas circunstâncias pessoais e familiares – às vezes muito dolorosas, como as que vocês descreveram nalguns contributos – muitos de nós poderiam subscrever o que diz uma rapariga aqui presente: «Mas então é tudo uma seca?!?! Depois das mini-férias, tinha perdido o interesse por tudo, já não me perguntava por que razão fazia alguma coisa, não reconhecia se essa coisa era bonita ou não... estava num estado de indiferença total, em que me sentia sozinha. Para mim a solução, quase inconscientemente, foi a de evitar perguntar, perceber, porque era mais difícil do que ir vivendo e pronto. Ficar à superfície, aparentemente, permitia-me ficar numa “*comfort zone*”, em segurança, mas isso não me fazia encontrar uma correspondência e um confronto com aquilo de que falavam os meus amigos, que estava no pano de fundo deste mar que é a vida. Fazendo isto, porém: “há um ponto em que a vida fica colada às coisas que vão bem” »

¹⁰ G. Leopardi, «Canto noturno de um pastor errante da Ásia», vv. 1-6.84-89, em *Cantos*, Veja, Lisboa, pp. 66; 71.

¹¹ G. Leopardi, «Sobre o retrato de uma bela dama», vv. 49-51, em *Ibidem*, p. 95.

¹² Cfr. P. Teilhard de Chardin, *O fenómeno humano*, parte III, 3.2.b, em *Opere di Teilhard de Chardin*, Il Saggiatore, Milão 1980, pp. 310-311.

¹³ Cfr. «Há muito tempo eu venho dizendo, estamos a viver a terceira guerra mundial em pedaços. A da Ucrânia desperta-nos um pouco mais porque é próxima, mas a Síria está há 13 anos numa guerra terrível. E o Iémen? E Myanmar, e por toda a África. O mundo está em guerra. Faz sofrer tanto, faz sofrer tanto» (Francisco, «O Natal que eu desejaria», entrevista exclusiva à TV italiana de *Canale5*, 18 de dezembro de 2022).

» (Ernia, *Qualcosa che manca*, 2022, ©Island Records). Via só e apenas aquilo que não ia bem. Por exemplo, uma coisa em que sentia, e sinto, enorme dificuldade desde janeiro é o estudo. Não me interessa aquilo que explicam os professores e não sei porque vou à escola. Sei, isso sim, que faço uma hora de viagem todas as manhãs, mas não sei a razão. Esta é a maior dificuldade em que estou a esbarrar: não saber porque faço as coisas. Faço-as e pronto. Mas sinto que esta vida não me corresponde. Ernia depois conclui dizendo: “o que me falta está no meio, nunca chega ou chega cedo demais, o que há de errado comigo? Não é o *cash* ou o *cartier*. Procuo uma coisa grande, que dure”. Tudo me escapa, e nada permanece. Mas então, na minha vida, existe alguma coisa grande que sobre? E se existe, como é que faço para permanecer ligada a ela?».

«Foi medonha tormenta a minha mocidade, / Aqui e além cortada por brilhantes sóis; / A chuva e os trovões fizeram tais estragos / Que poucos frutos rubros no jardim me sobram. // E eis-me já em pleno Outono das ideias, / Quando é preciso usar os ancinhos e a pá / Pra arranjar outra vez a terra, após a cheia, Onde a água escavou, quais tumbas, grandes valas. // E quem sabe se as flores que eu sonho, renovadas, / Poderão encontrar nessa areia lavada / O místico alimento que lhes dê vigor? // - Ó dor! Ó minha dor! O Tempo engole a vida, / E o que nos rói o peito, esse obscuro Inimigo, / Com o sangue que perdemos cresce e ganha força!».¹⁴

Ou ainda a poesia de André Gide: «Desejo! Arrastei-te pelas ruas; isolei-te nos campos; embriaguei-te na cidade; embriaguei-te sem matar a tua sede; banhei-te nas noites cheias de luar; levei-te a passear por todo o lado; embalei-te nas ondas; quis adormecer-te nas vagas... Desejo! Desejo! O que fazer contigo? O que queres, afinal? Quando te cansarás?»¹⁵. Ou ainda esta famosa poesia de Rebora: «O que quer que tu digas ou faças / Tem um grito lá dentro: / Não é por isto, não é por isto! // E assim tudo remete / Para uma pergunta secreta: / O ato é um pretexto. // [...] Na iminência de Deus / A vida apodera-se / Das reservas caducas, / Enquanto cada um se agarra / Ao seu bem que lhe grita: adeus!».¹⁶

Então, definitivamente, somos a soma das nossas individualidades aqui esta noite ou há mais, esta história de que fazemos parte é apenas a soma das nossas amizades familiares, porque nascemos em Itália, logo, de tradição católica? Quem me irá libertar? Passarei a única vida a resignar-me por ser apenas um grãozinho numa engrenagem que não consigo sequer decifrar? Há alguma coisa grande que sobra, ou não? O que é que abraça e eleva o meu limite estrutural, o que é que pode vencer o meu ceticismo, fazer-me sair do pragmatismo e curar as feridas que o mal de viver podem ter causado?¹⁷ Existe este místico alimento ao qual ir buscar a força? E o que quer dizer que Cristo é a resposta? Não será talvez um pouco abstrato? Não será talvez um pensamento? Uma piedosa consolação? Um autoconvencimento? Esperamos apenas que o desejo se esgote, mais cedo ou mais tarde? Mas por que é que – dizia um de vocês – eu nasci precisamente nesta época histórica?

Com efeito, cada um de nós poderia ter a tentação de dizer «“Gostaria tanto que tudo isto não se tivesse passado nos meus dias!”», exclamou Frodo. “Também eu”, anuiu Gan- »

¹⁴ C. Baudelaire, *O inimigo*, in *As Flores do Mal*, trad. Fernando Pinto do Amaral, Assírio e Alvim, 1996, retirado da internet: <http://poemapossivel.blogspot.com/2015/08/o-inimigo-de-charles-baudelaire.html>

¹⁵ A. Gide, *Les nourritures terrestres*, in Id., *I nuovi nutrimenti*, A. Mondadori, Milão 1948.

¹⁶ C. Rebora, «Sacchi a terra per gli occhi», in Id., *Le poesie (1913-1957)*, Garzanti, Milão 1988, pp. 141-142;145.

¹⁷ Cfr. «Nos jovens, encontramos também, gravados na alma, os golpes recebidos, os fracassos, as recordações tristes. Muitas vezes «são as feridas das derrotas da sua própria história, dos desejos frustrados, das discriminações e injustiças sofridas, de não se ter sentido amado ou reconhecido». Além disso, temos «as feridas morais, o peso dos próprios erros, o sentido de culpa por ter errado». Jesus faz-se presente nestas cruces dos jovens, para lhes oferecer a sua amizade, o seu alívio, a sua companhia sanadora, e a Igreja quer ser instrumento d’Ele neste percurso rumo à cura interior e à paz do coração» (Francisco, Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, aos jovens e a todo o povo de Deus, n. 83; cfr. Carta *Iuvenescit Ecclesia*, aos Bispos da Igreja Católica sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e a missão da Igreja, 15 de maio 2016).

» dalf, “como aliás todos aqueles que vivem estes acontecimentos. Mas não nos cabe a nós escolher. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado”¹⁸ «“Pois te convém fazer outra viagem”, me respondeu quando chorar me viu, “Se fugir queres tal lugar selvagem”» disse Virgílio a Dante, no Primeiro Canto do *Inferno* (vv. 91-93). Se as estradas tortuosas e já batidas dos nossos pensamentos, estratégias, dos nossos esforços, já nos levaram à exaustão,¹⁹ se as nossas fugas e os nossos anestésicos (tudo aquilo que nos faz fugir do impacto com a realidade!) não tiveram o resultado tão esperado de fazer explodir, de cumprir aquele desejo insuprível de vida, de verdade, de felicidade que há em nós, então, talvez seja conveniente percorrer com decisão e com uma cada vez maior convicção um outro caminho, é preciso tomar a decisão de dispor do nosso tempo de maneira diferente: frequentando um lugar, uma casa não construída pela mão do homem, mas edificada pelo próprio Deus: «Ele não perdeu os seus anos a gemer e a interpelar a maldade dos tempos. Ele cortou a direita... Fazendo o cristianismo».²⁰ O cristianismo não é uma religião, mas o seu contrário, não é uma escada construída pela mão do homem para subir até ao céu, mas o Céu que desce à terra!

Oiçam a admirável síntese que o autor da Epístola aos Hebreus faz da história da salvação e que culmina com o nascimento da Igreja: «Mas Cristo, vindo como sumo sacerdote dos bens futuros, passando pelo meio de um tabernáculo mais excelente e perfeito, não feito por mão de homem, isto é, não deste mundo criado, e não com o sangue dos carneiros ou dos bezeros, entrou uma só vez no santuário, conseguindo-nos uma redenção eterna. Com efeito, se o sangue dos carneiros e dos touros, e a cinza de uma novilha, aspergindo os impuros os santificam e lhes dão a pureza da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Eterno se ofereceu a Si mesmo sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência das obras de morte para servir ao Deus vivo!». Ele construiu a Tenda, a Igreja, o lugar, a casa, o corpo, o povo, (o *sítio*, como lhe chamam em Cremona!), Ele edificou-o, pagando um alto preço, sacrificando-se por nós, como iremos contemplar amanhã na *Via Crucis*! Ele lava-nos os pés, como veremos daqui a pouco durante a S. Missa em *Coena Domini*! Desus está vivo e ativo na história, a cruz de Cristo é aquela árvore da Vida em que nos apoiamos! Aquela tenda (Tabernáculo) não construída por nós, uma escada não construída por nós, mas que nos é lançada do Céu! «Não é à força de escrúpulos que um homem se torna grande. A grandeza chega, se Deus quiser, como um lindo dia».²¹ Não podemos nada: «Eu sou a videira, vós os ramos. Aquele que permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer»,²² o nosso esforço, o nosso zelo estilhaça-se – e poderia continuar a fazê-lo por toda a vida, como um hamster que corre continuamente na roda pensando que faz quilómetros sobre quilómetros, num grande afã, e em vez disso, não se move nem sequer um milímetro! – contra o obstáculo do sermos criaturas com desejos infinitos, mas com capacidades limitadas; o nosso empenho, por mais nobre que seja, é impotente, não nos bastamos a nós mesmos, podemos dizer o que quisermos... mas a liberdade humana é chamada a envolver-se e a colaborar com a Graça divina!²³ Não nos movemos por uma obrigação, mas por um »

¹⁸ J.R.R. Tolkien, *O senhor dos anéis*, Bompiani, Milão 2004, pp. 87-88.

¹⁹ Cfr. «Com efeito, o poder que os gnósticos atribuíam à inteligência, alguns começaram a atribuí-lo à vontade humana, ao esforço pessoal. Surgiram, assim, os pelagianos e os semipelagianos. Já não era a inteligência que ocupava o lugar do mistério e da graça, mas a vontade. Esquecia-se que «isto não depende daquele que quer nem daquele que se esforça por alcançá-lo, mas de Deus que é misericordioso» (*Rm* 9,16) e que Ele «nos amou primeiro» (*1 Jo* 4,19)» (Francisco, Exortação apostólica, *Gaudete et exsultate*, sobre a chamada à santidade no mundo atual, n. 48).

²⁰ Cfr. Ch. Péguy, «Dialogo della storia con l’anima carnale (o Véronique)», in Id., *Lui è qui*, Bur, Milão 2009, p. 110.

²¹ Cfr. A. Camus, *Taccuini (1951-1959)*, vol. III, Bompiani, Milão 1992, p. 34.

²² *Jo* 15,5.

²³ Cfr. «[...] não só passamos por justos, mas verdadeiramente nós nos denominamos e somos justos. Pois recebemos em nós a justiça, cada qual a sua, conforme a medida que o Espírito Santo distribui a cada um como ele

» amor a nós mesmos filhos de um juízo da razão e uma contínua oração dirigida a Deus e à companhia histórica em que Ele se torna presente e que é o Seu corpo. Na e pela Trindade somos gerados, somos envolvidos num “assunto” maior do que nós, numa potência salvífica que do Pai, do Filho e do Espírito Santo “floresce” *ad extra*: «Ora, o Espírito regressa para permitir o nascimento da Igreja, o corpo de Cristo e, assim, a Sua entrada no fluxo histórico. É o contracanto da Babel [**daquela babel, daquela confusão, que existe dentro e fora de nós!**]. É o nascimento da outra sociedade, aquela sociedade nova que o Senhor constrói a partir do coração dos homens com a força do Espírito Santo, com esta chama ardente de amor».²⁴ Esta nova criação não edificada pela mão do homem teve início com a encarnação de Deus e permanece um facto cujo espanto se renova a cada Santo Natal e de cada vez que dela fazemos memória: «Quando recomeçou a escola estava de coração cheio, e ainda estou, mas não cheio porque devo permanecer entusiasta, como se pudesse carregar num botão na minha cabeça para ser feliz ou não, mas cheio porque sei onde devo ir para ver pessoas ou momentos de pessoas que me fazem descobrir estas coisas. Ainda que às vezes adormeça na cadeira, quero viver, e vivo na escola o dia-a-dia, o futebol ao fim da tarde e tudo com esta consciência. O Natal [**esta tenda do encontro entre Deus e os homens existe!**] aconteceu e ninguém no-lo pode tirar, Alguém chegou e prometeu que nós seremos felizes. No Tríduo quero rever isto e percebê-lo ainda melhor» escreve outro rapaz.

«Se não fosse teu, meu Cristo, sentir-me-ia criatura finita. Nasci e sinto-me dissolver. Como, durmo, repouso, caminho, fico doente e curo-me, assaltam-me um sem número de males e tormentos, gozo o sol e de tudo quanto a terra frutifica. Depois morro e carne torna-se pó, como a dos animais, que não têm pecado. E eu, o que tenho a mais do que eles? Nada, a não ser Deus. Se não fosse teu, meu Cristo, sentir-me-ia criatura finita».²⁵ *Don Gius* dizia de si: «Eu tenho este *sim* [a Cristo] e basta».²⁶ Caso contrário, pouco a pouco, regredimos até existir do mesmo modo que o meu gato – Birba – que nasce, come, cresce, se reproduz e morre. Pura existência instintivo-biológica de seres vivos não humanos.

Acontece, então, que começamos a utilizar até ao fundo o nosso cérebro e começamos a ajuizar, a ajudarmo-nos como amigos a dar um juízo para nos apercebermos da nossa fragilidade e fraqueza reconhecendo-as como um areia movediça na qual, pouco a pouco, mais cedo ou mais tarde, estamos destinados, seja como for, a afundar, ou como um “defeito de fabrico” devido ao qual devo protestar infinitamente sabe-se lá contra quem, mas dando sobre elas, precisamente, um juízo definitivo, com um ato da razão que reconhece um dado da realidade, da realidade que eu sou, de si, a acolher, e que mais não revela senão o ponto do qual partir, que projeta para um “então” que marca o passo de uma estrada: «Mas Fabietto», dizia-me o padre Giorgio [Pontiggia]: «Mas qual é a novidade de que a fraqueza é fraca!???» O ponto é se Alguém é capaz de me puxar, de sanar esta fraqueza, um remédio e um médico mais fortes do que a ferida!²⁷ Esta é a primeira evidência: eu não me fiz sozi- »

quer (1 Cor 12, 11) e segundo a disposição e cooperação de cada qual. Assim, ninguém pode ser justo, senão aquele a quem se comunicam os merecimentos da Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas isto assim sucede nesta justificação do pecador, precisamente pelo facto de *o amor de Deus se difundir pelo Espírito Santo*, por força dos merecimentos desta sagrada Paixão, *nos corações* (Rom 5, 5) dos que são justificados, aderindo-lhes intimamente [cân 11]. Por isso, na justificação é infundido no homem por Jesus Cristo, a quem está unido, ao mesmo tempo, tudo isto: fé, esperança e caridade» (Concílio de Trento, Sessão VI, *Decreto sobre a justificação*, 13 de janeiro de 1547, Capítulo VII).

²⁴ J. Ratzinger, *Dio e il mondo. Essere Cristiani nel nuovo millennio*, San Paolo, Cinisello Balsamo-MI, 2001, p. 318.

²⁵ Cfr. São Gregório Nazianzeno, «Carmina» II/I, carne LXXIV, vv. 4-12, in *Patrologia Graeca*, XXXVII, Paris 1862, col. 1421-1422.

²⁶ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 204.

²⁷ Cfr. «Debruçaste-te sobre as nossas feridas e nos curastes, dando-nos um remédio mais forte do que as nossas chagas, uma misericórdia maior do que a nossa culpa. Também assim o pecado, em virtude do Teu invencível amor, serviu para nos elevar à vida divina. Com surpreendente abundância, infundiste nos nossos corações o Espírito Santo» (*Prefácio do XVI domingo para o ano do Rito Ambrosiano*).

» nho. A ninguém foi pedido nada antes de sair do ventre materno, fomos chamados ao ser, os nossos pais foram a modalidade visível de um Amor eterno. Dar um juízo é um ato da razão que reconhece, certifica definitivamente uma coisa por aquilo que ela é! O padre Giorgio contava-me que, durante os seus almoços com *don* Gius, ele lhe dizia sempre que o homem não é “apenas o homem”, mas “o homem + Cristo por meio do Espírito Santo”, o homem para ser tal, para se reencontrar a si mesmo, precisa de Cristo. O grande retórico romano Mario Vittorino, anunciando publicamente a sua conversão, dizia: «Quando encontrei Cristo, descobri-me homem»!²⁸ Aquele que tem a força de operar a nossa transformação (divinização e humanização coincidem), o milagre da nossa mudança, que “bombeia” em nós a Vida divina é o Espírito Santo: sabem que o feto, a criança, quando é pequenina no ventre materno, é nutrida e mantida em vida pelo cordão umbilical que transfere os nutrientes para lhe permitir o seu desenvolvimento, porque a criança sozinha não poderia auto-gerar-se, tudo recebe da mãe; cá está, o Espírito Santo é, por analogia, o dom que Deus Pai concede a cada Seu Filho adotivo para nos gerar, para nos sustentar em vida, ainda agora; a criança no ventre materno faz o quê? Nada, é recetiva, estagna no líquido amniótico e não interrompe o fluxo, acolhe o que lhe é dado através do cordão umbilical... (mas já isto, quão libertador é?). Eu não devo agitar-me, mas só ficando preso Àquele que nos cria e recria, permanecendo na companhia da Igreja por Ele gerada, Ele «lava o que é impuro, rega o que é árido, cura o que sangra. Dobra o que é duro, aquece o que é frio, acerta o que é torto».²⁹ A Ele e aos amigos deste povo, pode pedir-se: «Ajuda-me, cria, ajuda-me a converter e a criar em mim um coração puro, faz-me crescer, ajuda-nos a crescer juntos, dá-me o gosto do conhecimento e da descoberta no estudo, a descobri-lo juntos, faz-me aprender a amar os outros como Cristo ama, a amar-me com os olhos de Cristo. A amar os meus inimigos, a servi-los, a viver as obras de misericórdia corporais e espirituais, a ser a Tua testemunha no mundo».

Passemos à conclusão da introdução:

Para cada um de nós, para as nossas famílias, para os amigos que nos propuseram estar aqui, qual é a cara, o rosto particular, que tónica assumiu esta tenda não construída pela mão do homem, esta Igreja, o Cristianismo? Através de quem se tornou encontrável para nós? Para alguns, foi através da Paróquia³⁰, para outros através doutra realidade eclesial, uma Congregação religiosa, mas para quem participa neste Tríduo, qual foi o carisma?³¹

Ouçamos precisamente as vivas recordações de *don* Giussani: »

²⁸ Cfr. Mario Vittorino, *In Epistola ad Ephesios*, in *Marii Victorini Opera exegetica*, libro II, cap. 4, v. 14. Cfr. «Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente» (Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, n. 22).

²⁹ Sequência ao Espírito Santo.

³⁰ Cfr. «A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser “a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”. [Isto supõe que esteja realmente em contacto com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. A paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração]. Através de todas as suas actividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário» (Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 28).

³¹ Cfr. «As outras instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e sectores. Frequentemente trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja. Mas é muito salutar que não percam o contacto com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular. Esta integração evitará que fiquem só com uma parte do Evangelho e da Igreja, ou que se transformem em nómades sem raízes» (Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 29).

» «Lembro-me como se fosse hoje: liceu clássico Berchet, 9 horas da manhã, primeiro dia de aulas, outubro de 1954. Lembro-me do que sentia enquanto subia os poucos degraus da entrada do liceu: era a ingenuidade de um entusiasmo, de uma audácia [...]. Revejo-me naquele momento, com o coração cheio com o pensamento de que Cristo é tudo para a vida do homem, é o coração da vida do homem: aqueles jovens deviam começar a ouvir e a aprender este anúncio, para a felicidade deles. [...] Digo estas coisas porque constituem o único motivo, o único objetivo e a única raiz de onde nasceu o nosso movimento». ³² «O começo de tudo o que veio depois a nascer [...] partiu do meu desejo de que as pessoas compreendessem. Compreendessem o quê? O que eu penso? O que diz o meu partido? Não! Que as pessoas entendam aquilo para que está feito o seu coração; que as pessoas entendam um pouco melhor o Destino para que foram criadas». ³³ «É a fé autêntica, ou a autenticidade da fé, o que nós procuramos. Não procuramos outra coisa». ³⁴ «Nós estamos prontos a falar com toda a gente, a ir a qualquer lugar do mundo, mas precisamos de uma casa, precisamos de um lugar onde a companhia seja positiva, onde as palavras tenham um significado e os entendimentos um significado, e o pão seja pão, e a água seja água». ³⁵

Eis o porquê da frase de Jesus apresentada como resumo deste Tríduo «“Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres” (Jo 8,32) – Uma história que continua», porque a Verdade, Jesus Cristo Encarnado, Crucificado e Ressuscitado é o «Autor e consumidor» ³⁶ daquela fé autêntica de que falava *don Gius* e na qual queremos manter o olhar fixo, na qual o pão nos ensina a chamar-lhe pão e o vinho se reconhece como vinho, e ainda mais O reconhecemos como Corpo e Sangue de Cristo, como acontecerá daqui a pouco na Santa Missa!

Aquilo que surgiu da leitura dos contributos foi precisamente a vossa exigência de alcançar a certeza de verdade, onde depois apoiar os alicerces da casa que é a vossa única vida!! Porque se não temos certezas, se não nos apoiamos na verdade, como é que podemos construir? Com efeito, Jesus fala da casa fundada sobre a Rocha: chove, mas a casa não cai! Por isso há menos iniciativa, menos ousadia, porque são frágeis os fundamentos e, portanto, aquilo que se tenta construir sobre a areia, cai! Qual de vocês aqui convidou um amigo da turma, um amigo do futebol, um amigo do bairro, uma amiga da dança? Falta a certeza sobre a verdade encontrada e sobre a conveniência para a nossa vida! Hoje vocês colocam as bases. O futuro constrói-se hoje, no presente. Não continuando a adiar, sou ainda pequeno... «amanhã! Depois vejo! Vamos a ver! Mas, sim, porém... quem sabe... veremos!»

Outro rapaz da *Gioventù Studentesca* escreve-me: «Nos últimos meses das mini-férias de verão, em San Martino di Castrozza, e até hoje, encontrei e conheci muitos novos amigos que encheram a minha vida tornando-me feliz e grato por acordar todos os dias e amar o próximo. Entre outras coisas, e em primeiro lugar, vou a este Tríduo com uma grande pergunta: “Como é que faço para não me perder na rotina quotidiana e para viver com verdade a minha vida?”». «Olá, “A verdade vos fará livres” é o título do Tríduo. É mais fácil de dizer do que de fazer. Durante este ano letivo, questionei-me muito sobre o que significa verdadeiramente ser livre. Tudo começou com uma canção dos Pinguini Tattici nucleares que diz: “Porque a maior liberdade é aquela que te prende com correntes, é aquela que não te »

³² L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, a cura di Carmine Di Martino, EDIT, Il Sabato, Roma 1993, pp. 336, 338.

³³ L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, Diel, Lisboa 2003, pp. 59-60.

³⁴ «A Introdução de Luigi Giussani nos Exercícios Espirituais do Centro cultural C. Péguy, (Varigotti, 1 de novembro de 1968)», in J. Carrón, «“Vivo” quer dizer presente!», Jornada de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação Mediolanum Forum, Assago (Milão), 29 de setembro de 2018, p. 3.

³⁵ *Ivi.*

³⁶ «Portanto, também nós, cercados por uma tão grande nuvem de testemunhas, deixando todo o peso que nos detém e o pecado que nos envolve, corramos com paciência na carreira que nos é proposta, pondo os olhos em Jesus, autor e consumidor da fé, que em vez da alegria que Lhe foi oferecida, suportou a Cruz, não fazendo caso da ignominia, e está sentado à direita do trono de Deus» (Carta aos Hebreus, 12, 1-2).

» deixa ir embora”. Não percebia. Sempre tinha pensado que a liberdade era não ter vínculos e laços». Outro *giessino* responde: «Temos uma coisa grande entre as mãos, mas nunca estamos prontos a usá-la, ou pelo menos a tentar: se a *GS* passa a ser apenas um lugar onde é possível partilhar dúvidas, perguntas, dificuldades ou até novas e entusiasmantes descobertas, então de pouco vale. Não cantemos sequer “eu já não temo porque tenho uma certeza no coração, a certeza está aqui comigo”, perguntas sem respostas para viver: mas então, é melhor ser como alguns dos nossos colegas da escola, abençoados na sua ignorância de não terem perguntas difíceis para enfrentar e encontrar as respostas».

Então, estamos aqui porque cada um de nós quer conhecer a verdade, perceber para o que vive, por quem morrer, cada um de nós não pode deixar de cuidar do seu destino. «Conheci muitos com desejo de enganar aos outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado».³⁷ «*Gere curam mei finis*» [tomai conta do meu destino, de tudo de mim, até ao fim] ouviremos amanhã no *Dies Irae*, atribuído a Tommaso da Celano. Estamos aqui para levar a sério este desejo de verdade, esta exigência de felicidade e de significado da vida, estamos aqui, sobretudo, porque Alguém tomou conta do nosso destino, não ficou no céu a olhar-nos das alturas, e alguém – *don Gius* – foi, para nós, veículo desse Alguém. Portanto, a partida que aqui se joga é esta, é a este nível, ou seja, é a nossa partida pessoal diante do Destino, diante de Deus, respondendo e vivendo a única vida que temos à nossa disposição. A grandeza deste lugar é que nos grita que a resposta existe. Há Alguém, com A maiúsculo, que tomou conta do nosso destino através de alguém com a minúsculo (ou seja, *don Gius*).

«A liberdade não se demonstra tanto no momento clamoroso das escolhas; manifesta-se no primeiro e subtilíssimo alvor do impacto da consciência do mundo»³⁸. A liberdade joga-se no momento presente! Então, como conclusão, sugiro algumas indicações para nos ajudarem a viver juntos este gesto, estes dias:

1. Em primeiro lugar, sublinho uma atitude de fundo, para pedirem esta noite durante a Santa Missa e depois durante o trajeto de autocarro em silêncio, e depois ainda na cama antes de adormecerem, e depois amanhã de manhã mal os olhos se abrirem, a recuperar sempre, de tal modo que a posição da nossa liberdade se predisponha à escuta, se deixe educar, seja dócil e disponível para seguir, usando uma só palavra, podemos chamar-nos esta noite à atitude da *humildade*, olhando mais uma vez para a Beata e sempre Virgem Maria – uma rapariguinha de Nazaré, de 15-16 anos, como vocês! – podemos pedir-lhe para ter um coração humilde e atento como o seu: «Pôs os olhos na humildade da Sua serva; o Todo-Poderoso fez em mim maravilhas; derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias» rezamos todos os dias no *Magnificat*. Peçamos um coração humilde, *humus, terra*, portanto *humilis, humilde* é aquele que é como a terra, não impermeável, mas pronta a receber a semente, a recebê-la em si, a protegê-la para que dê fruto e floresça. Também ela terá tido os seus projetos, os seus *desiderata*, mas em última instância, estava disponível para aderir a um desígnio maior... também nós, depois desta noite, vamos depor as armas, rendermo-nos, depomos as armas da soberba e do orgulho!

2. Depois, um segundo convite à oração está estreitamente ligado à humildade que é o amor à Verdade, mais do que às nossas ideias, aos preconceitos, aos medos. Rezemos nestes dias para aprendermos a não ser superficiais, a antepor o amor pela Verdade às nossas opiniões, aos estados de espírito, às sensações, aos lugares-comuns, aos estilos... «*Amicus Plato, sed magis amica Veritas*», «*Socrates quidam parum curandus, et veritas plurimum*» (Devemos perder algum tempo com Sócrates, mas muito mais com a verdade). Não se detenham em aspetos secundários; que os vossos olhos, lúcidos e penetrantes, vejam para além das coi- »

³⁷ Santo Agostinho, *Confissões* 10,23,33.

³⁸ L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2022, p. 178.

» sas vãs, olhem para a substância... como é míope dizer: «aquele ali é aborrecido, aquele ali, pelo contrário, é divertido», uma pessoa pode ser pouco cativante à primeira vista, mas ter um conteúdo profundíssimo... e outra pode ser simpatiquíssima e animada, mas talvez não tenha mais nada para oferecer! Fiquem com o que for bom, *panta dokimazete, to kalon katechete*, Primeira Carta aos Tessalonicenses (5,21).

3. A terceira – muito importante – tem a ver com a *conditio sine qua non*, sem a qual dificilmente alguma coisa poderá acontecer: o silêncio. No ruído, na confusão, no falar e, portanto, na distração, distraídos por nós mesmos ou por outros, fugitivos do nosso coração porque distraídos nos nossos pensamentos sobre o resultado do Nápoles-Milão na Champions, ou pelo amigo, ou pelo telemóvel, ou pelo doce sussurro da amada que nos mantém suspensos duma resposta tão esperada, ou que talvez quiséssemos encontrar ao luar nesta noite admirando o mar, enrolados nos meus mil pensamentos, como posso estar de olhos abertos para me dar conta daquilo que existe, como posso abrir os ouvidos para ouvir os cantos, apreciar o seu texto, as meditações, a Via Sacra? Mas não é só isto. O silêncio, mais profundamente ainda, é respeitar o mistério que o outro é, no momento da vida em que se encontra e que nós não conhecemos profundamente, sabe-se lá que momento da vida está a atravessar? Devemos precisamente começar a mendicar de Deus também este olhar desta noite: o meu amigo, a minha amiga, aquele que tenho ao meu lado, o que é? Um homem, uma mulher que está em diálogo, em relação com o Mistério. Então, respeito-o mais, amo-o mais, afirmo-o mais, afirmo mais o seu bem, sou mais seu amigo se, nestes três dias, enquanto entramos e saímos da Feira, enquanto estamos no autocarro, enquanto estamos a entrar no Hotel, eu, consciente disto, travo a minha instintividade e respeito o seu diálogo com o bom Deus: talvez tenha sido tocado por uma frase e está a pensar nela, a refletir sobre ela, e por isso, ajudemo-nos a tomar conta uns dos outros nestes dias e a não desperdiçar a iniciativa que o Mistério tomou com cada um de nós. Depois, no sábado ao almoço, poderemos falar-nos, contar coisas, fazer as *selfies* do século, mas até ao final da meditação de sábado sustentemo-nos uns aos outros a viver o Tríduo em silêncio: conserva o silêncio e o silêncio te conservará, conserva a ordem e a ordem conserva-te. Uma nota à margem sobre o silêncio: existe o instrumento do Livrinho, que é acompanhado por uma *Antologia de textos escolhidos* para vocês e que cobrem praticamente dois mil anos de história, precisamente para que façamos parte dela, e que as intuições e as descobertas, as conquistas que nos precederam, a tradição viva da Igreja possa iluminar-nos, aos últimos a chegar, como crianças que são levadas em ombros por gigantes. Portanto, podem também desfrutar desta possibilidade, durante o silêncio, enquanto ouvem a música clássica à entrada ou enquanto estão no autocarro, ou enquanto os outros assobiam, ou podem retomar os apontamentos, há muito material, por isso vejam vocês: não se trata de tarefas para fazer, mas de alimentos a degustar, de frases a saborear, das quais nos alimentarmos, sem apanhar uma indigestão! *Ad modum recipientis!* [conforme a natureza de cada um que recebe]. Não fiquem ansiosos se não perceberem tudo, preocupem-se, antes, em deter-vos e aprofundar aquilo que vos impressionou, o Senhor chama-te, educa-te e estabelece um diálogo contigo.

4. Por fim, tenham presente que *Militia est vita hominis super terram*, [Job, 7,1] há uma batalha a combater, sobretudo nos recantos do nosso ser; o campo não é neutro, não, não estás lá só tu e o bom Deus, mas o inimigo também existe e tentará jogar todas as cartas das tentações; portanto, *estote parati* [estejam prontos!] e não abram essa porta. Sobre isto, ofereço-vos um critério são e antigo como toda a teologia espiritual: tudo aquilo que vos move e vos faz tender para o vosso amadurecimento e santidade é um sopro que vem do Espírito Santo sobre as velas da vossa liberdade, levando-vos à conversão; tudo aquilo que vos faz ficar parados em vocês mesmos provém do inimigo do género humano que vos faz estagnar, que vos vai amainar as velas, que vos faz ceder à tentação de dizer: «estou bem assim... não devo mudar em nada»³⁹.

³⁹ «O Tentador, aproveitando a fragilidade e as necessidades humanas, insinua a sua voz mentirosa, alternativa

» Bem, termino! Para tornar palpável o que disse nas indicações, queria partilhar convosco uma parte duma carta dum amigo já crescido, com mais de trinta anos, passados quase vinte anos sobre o seu primeiro Tríduo:

«Caríssimo, pensei em tentar escrever alguma coisa de forma um pouco “ordenada”. Como já te dizia ao telefone, para mim o Tríduo com o padre Giorgio foi sempre um momento extremamente significativo. Recordo uma grande intensidade vivida, daquelas que te deixam saudades no regresso: “Queria que todos os dias fossem como estes três!”. Uma posição que, vendo agora, tem aspetos parciais, mas que me parece ainda assim genuína e sinal de uma grandeza experimentada.

No início do nono ano, eu queria afastar-me da Igreja e de tudo o que os meus pais me tinham transmitido, porque via apenas muita retórica e tudo aquilo que me era proposto parecia-me um peso que atrapalhava a vida. O Tommi, no meu primeiro dia de escola, convidou-me a ir ao *raggio*; por aquela vez confiei, por isso comecei a ir. Ao princípio só porque me eram simpáticos e eram caras conhecidas na escola, onde me sentia um tanto perdido. Continuava, porém, à defesa em relação à proposta. O que deu os primeiros golpes nas minhas convicções foi ver o padre Giorgio das primeiras vezes. Chegado ao Tríduo da Páscoa do nono ano, eu seguia cordialmente todas as propostas da GS, aliás estava até a envolver-me muito naquela amizade e encontrava, pela primeira vez, interlocutores para falar sobre as perguntas sobre a vida e sobre a fé que eu tinha. Mas ainda assim, era um rapazinho de 14 anos, que gostava de fazer alguma confusão. Digo isto porque a primeira coisa que me impressionou naquele Tríduo foi o silêncio à entrada. Lembro-me distintamente do segundo em que passava do exterior do edifício para o interior e a impressão que senti: a impressão de estar diante duma coisa grande».

Uma de vocês, por seu turno, pouco antes do início destes dias, escreveu:

«Portanto, por que é que se arrisca? Se eu decidi ir ao Tríduo, apesar das minhas dificuldades, é porque estou consciente de como sou feita e tenho em conta que pode correr mal, a nível de relações, ou bem, porque pus tudo de parte, arriscando o resultado de me ter posto em jogo. Posso arriscar por uma coisa bonita como esta porque sei que desta experiência posso levar alguma coisa para casa, ainda que seja o meu primeiro Tríduo, pelo que corro o risco de me espantar com o que daqui sairá. Só agora, quando escrevi esta frase, me dou conta de que arriscar, para mim, significa: meter-me numa coisa de coração aberto para ficar SURPREENDIDA e ESPANTADA com o que daí sairá, depois de ter arriscado!».

Portanto, agora sim concluo, citando Claudio Chieffo e Adriana Mascagni nesta introdução aos três dias, dizemos-vos, digo-vos: «Não tenhas medo, meu pequeno filho, mas é a estrada mais dura que te levará lá; deixa, por isso, o caminho, entra nos campos e vai, [...] não faças confusão, [...] não te rendas à escuridão que devora as coisas, [...] não temas, porque está Alguém contigo [...] nunca te deixará»,⁴⁰ «a nossa voz canta com um porquê»!⁴¹

à de Deus, uma voz alternativa que mostra outro caminho, um caminho de engano. O Tentador seduz. Devemos estar conscientes da presença deste inimigo astuto, interessado na nossa condenação eterna, no nosso fracasso, e preparar-nos para nos defendermos dele e combatê-lo. A graça de Deus assegura-nos, através da fé, oração e penitência, a vitória sobre o inimigo» (Francisco, *Angelus na Praça de São Pedro*, 21 de fevereiro de 2021).

⁴⁰ C. Chieffo, «Favola», *Cancioneiro*, pp. 267-269.

⁴¹ M. Campi, A. Mascagni, «Povera voce», *Cancioneiro*, op. cit., p. 311.